

KARATE GŌJŪ-RYŪ NO RIO GRANDE DO SUL: REVISITANDO A VIDA DE AKIRA TANIGUCHI

Josiana Ayala Ledur¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

josiled@hotmail.com

Eduardo Klein Carmona²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

dudu15_poa@hotmail.com

Janice Zarpellon Mazo³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

janmazo@terra.com.br

Recebido em 11 de junho de 2013

Aprovado em 03 de agosto de 2013

Resumo

O desenvolvimento do Karate, no cenário esportivo sul-rio-grandense contou com a ação de pioneiros vindos do Japão para o Brasil, na década de 1970. Entre eles, se destacou o imigrante japonês Akira Taniguchi, mestre do estilo *Gōjū-ryū* (escola da força e flexibilidade). O objetivo do presente estudo foi reconstruir as memórias do sensei Akira Taniguchi, desde sua chegada ao Estado do Rio Grande do Sul no ano de 1974 até o final da década de 1980, quando retornou ao Japão. Sabe-se que o Karate por sua tradição cultural, estabelece uma relação muito forte entre a arte e o seu mestre, que instrui seus alunos em aspectos técnicos e de conduta. Nesse sentido, por meio de documentos e testemunhos de pessoas que conviveram com o sensei Akira, buscou-

¹ Licenciada em Educação Física pela Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da ESEF/UFRGS.

² Licenciado em Educação Física pela da ESEF/UFRGS. Membro do NEHME da ESEF/UFRGS.

³ Professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e do PPGCMH da ESEF/UFRGS. Coordenadora do NEHME da ESEF/UFRGS.

se estabelecer uma relação entre o estilo e o mestre. Evidenciou-se que a influência do sensei Akira possibilitou que seu estilo figure hoje entre os mais praticados em Porto Alegre.

Palavras-chave: Karate, história do esporte, imigrantes japoneses.

Abstract

Gōjū-ryū Karate in Rio Grande do Sul: Revisiting the life of Akira Taniguchi

The development of Karate in the sports scenery in Rio Grande do Sul, counted with the action of Pioneers who came from Japan to Brazil in the 1970s. Among them stood the Japanese immigrant Akira Taniguchi, Master of style *Goju-ryū* (strength and flexibility). The aim of this study is to reconstruct the memories of sensei Akira Taniguchi, since his arrival in the State of Rio Grande do Sul in 1974 until the late 1980s, when he returned to Japan. It is known that Karate for its cultural tradition establishes a strong relationship between art and its master and instructing their students on technical aspects and conduct. In this sense, through documents and testimonies from people who worked with sensei Akira, we sought to establish a relationship between the style and the master. It was evident that the influence of sensei Akira enabled his style figure today among the most practiced in Porto Alegre.

Keywords: karate, sport of history, Japanese immigrants.

Introdução

Na região conhecida como Okinawa, hoje pertencente ao Japão, originou-se uma arte desenvolvida a partir de técnicas de defesa, voltada à resistência sem o uso de armas, o *Karate-dō* (caminhos das mãos do vazio). Esta arte, conforme Bartolo (2009), a fim de tornar efetiva a defesa utiliza-se, principalmente, de movimentos técnicos e sincronizados de mãos e pés, bem como possibilita a formação do caráter do praticante através de fundamentos filosóficos. Busca, portanto, um equilíbrio entre a mente e o corpo, pelos quais se terá a oportunidade de evoluir integralmente.

Ao falarmos da introdução do *Karate* em território brasileiro, devemos ir ao encontro de fatos históricos que estão diretamente ligados a imigração japonesa em nosso país. Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma segunda grande migração dos japoneses que se estabeleceram na cidade de São Paulo. Com o propósito de difundir a

prática no sul do Brasil, na segunda metade do século XX, vieram para Porto Alegre pioneiros de diversos estilos desta modalidade entre os quais se encontrava Akira Taniguchi, precursor do estilo *Gōjū-ryū* no Rio Grande do Sul. Após este episódio, o interesse por esta prática foi aumentando com o incremento no número de adeptos, o que levou o Estado sul-rio-grandense, na década de 1970, a estar entre as maiores forças do *Karate* brasileiro.

A história desta prática revela que ao longo de seu desenvolvimento, mais de 60 estilos foram criados. Dentre os quais podemos destacar o *Shōtōkan*, *Shitō-ryū*, *Wadō-ryū*, *Gōjū-ryū*, que se originaram a partir de três importantes cidades okinawenses: Shuri, Naha e Tomari (BARTOLO, 2009).

Devido à abrangência deste tema que envolve tantos estilos, trataremos de um em particular, o *Gōjū-ryū*: “escola da força e flexibilidade” (BANDEIRA, 2006, p. 7). Esta escolha se deve ao fato deste ser um dos estilos de *Karate* mais praticados no Brasil, e o terceiro em número de adeptos no Rio Grande do Sul (OLIVEIRA; FROSI, 2005, p. 74), provavelmente devido ao apoio de Akira-sensei para com a difusão da prática. Este estudo tem, portanto, o objetivo reconstruir a história do *Gōjū-ryū* no Rio Grande do Sul através da trajetória do *sensei* Akira Taniguchi, desde sua chegada ao Estado sul-rio-grandense no ano de 1974 até o final da década de 1980, quando retornou ao Japão.

Os procedimentos metodológicos adotados para a realização deste estudo foram a pesquisa documental (BARDIN, 2000; BACELLAR, 2010; CELLARD, 2008) e a história oral (ALBERTI, 2005; AMADO; FERREIRA, 2006). As fontes documentais consultadas constituíram-se de documentos digitalizados disponibilizados pelo departamento de estudos históricos da prefeitura de Okinawa (Japão), informações

oriundas de sites especializados na modalidade, além da revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos e científicos, a exemplo, artigos e o Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.

A fim de encontrar informações relevantes a respeito da vida do *sensei*, foram produzidas fontes orais por meio da gravação de depoimentos com dois de seus discípulos, Hélio Riche Bandeira e Luiz Roberto Nunes Padilla, que hoje são mestres de *Karate* em Porto Alegre. A escolha pela divulgação dos nomes destes dois mestres deve-se ao fato, de que ambos estão em posição de destaque no âmbito do *Karate* sul-rio-grandense e pelos mesmos perpetuarem e disseminarem os ensinamentos de Akira *sensei*. Destaca-se que os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, conforme o projeto de pesquisa “Esporte e Educação Física no Rio Grande do Sul: Estudos Históricos”, número 19261, aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da UFRGS, o qual permite a utilização de entrevistas para fins de pesquisa.

Após a obtenção das informações através da pesquisa documental e dos depoimentos gravados, essas fontes foram submetidas à análise documental. A análise foi conduzida pelo referencial teórico que norteia a escrita biográfica. Segundo Del Priore (2009, p. 11), a escrita biográfica: “envolve uma narrativa de movimentos encadeados e uma intriga codificada por fatos reais, interpretados”. A biografia, segundo Ferrarotti (1988, p. 20) é o método que impôs o desenvolvimento de um procedimento investigativo que levasse em consideração os atos individuais concretos, o que não poderia ocorrer por meio de generalizações ou correlações fixas, seguindo determinados padrões interpretativos, mas sim se valendo de um método que assegurasse a articulação “do ato à estrutura, de uma história individual à história social”.

A biografia exige um processo de rememoração pelo qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito através da memória. O conceito de memória, segundo Avelar (2010), é permeado pela narrativa de movimentos concatenados que despertam a curiosidade de buscar fatos reais interpretados e codificados por aqueles que vivenciaram um momento. Todavia, ao construirmos uma biografia, devemos despender uma atenção especial quanto ao perigo de “formatarmos” os personagens, por meio da apresentação de uma vida marcada por regularidades e permanências, o que induziria os leitores a uma expectativa ingênua ou distorcida.

Ao tratarmos da história de um indivíduo temos que ter a clareza de que não há uma linearidade, uma individualidade fixa e unitária que possa ser apresentada em um único trabalho sendo que “os vários aspectos de uma vida não são suscetíveis a uma narração linear, não se esgotam numa única representação, na idéia de uma identidade” (AVELAR, 2010, p.162). Portanto, a biografia almeja entender a história e o percurso de vida de uma pessoa. Nesta direção, procuramos juntar alguns fragmentos da trajetória do *sensei* Akira no período que residiu em Porto Alegre, cujos resultados são apresentados nos tópicos que seguem com a montagem de uma versão do quebra-cabeça.

Nos rastros da história do Karate-dō: do Japão ao Brasil

O *Karate-dō* possui diversas particularidades, a começar pela sua origem, influenciada por diferentes vertentes culturais e acontecimentos históricos. Inclusive o termo *Karate*, como conhecemos, sofreu leve modificação a fim de possibilitar sua aceitação perante a nação japonesa. A palavra *Karate* para expressar melhor seu sentido, deve estar acompanhada do termo *dō* (caminho), ficando dessa forma *Karate-dō*, no

qual o *dō* seria a busca do praticante pela sua própria essência. Tal nomenclatura foi empregada por Gichin Funakoshi (1869-1957), considerado o pai do *Karate* moderno. Funakoshi fez uma adaptação do ideograma *Tō-de* (mãos chinesas), para o japonês, ficando a leitura do termo como *Karate*. No qual *Kara* pode ser interpretado, segundo a filosofia zen, como neutralidade, oco, vazio. (SASAKI, 1995). Assim, o *Karate-dō* passou a designar “o caminho das mãos do vazio”.

Ao pesquisarmos a história desta arte, percebemos contradições e discussões que se debruçam em desvendar qual cultura ela se insere. E ao buscarmos indícios, encontramos sua base diretamente ligada ao arquipélago de Ryūkyū, região que no século XIV era um estado vassalo ao império chinês, que tinha como ilha principal Okinawa. Tal ilha possuía um sistema de castas sociais, semelhantes aos presentes em países como China, Índia e Japão, que excluía o convívio entre os nobres (aristocracia) e clero, militares e camponeses. Neste período, os *Heimin* (termo japonês para camponeses) do Ryūkyū tinham como a obrigação de pagar tributos reais com quase toda a produção de suas colheitas, que, por sua vez, eram impostos exigidos pela aristocracia. Estes tributos eram arrecadados por uma classe guerreira subalterna ao Rei, os *Peichin* (classe de guerreiros semelhante aos samurais japoneses), que agiam, muitas vezes, de forma impiedosa e opressora. Inúmeras foram as famílias que tiveram suas casas queimadas, que sofreram mutilação ou outros métodos de tortura como castigo caso não cumprissem com suas obrigações.

Estes fatos levaram os camponeses a criarem formas de se exercitar e se defender contra seus opressores. Para isso, começaram a desenvolver técnicas de agarramento, empurrões, batidas de ombro, punho e pé, ou faziam o uso de ferramentas rurais como batedores de arroz, varas, enxadas, foices, linhas de pesca, manivelas de

moinho, ancinhos e outros para se proteger das espadas, correntes e lanças dos guerreiros do Rei. Um dos fatos que contribuiu para a aplicação destas técnicas foi a proibição do uso de armas decretado pela dinastia Shō, vigente neste período. Decreto que se aplicava somente a população comum. Com esse veto, os *Heimin* passaram a sistematizar e a treinar dois sistemas de defesa pessoal que chamaram genericamente de *Te*, que quer dizer mão. Cujas formas rudimentares embasariam o que mais tarde viríamos conhecer por *Karate-dō* e *Kobu-dō* (arte marcial que utiliza armas). Outro fato que sugere uma nova fase de desenvolvimento do *Te*, foi a promulgação de um segundo decreto de proibição do porte de armas. Segundo as ordens do clã samurai Shimazu, provenientes antiga província de Satsuma localizada na ilha Kyushu, e que detinham o poder em Okinawa durante 1609 (NAKAZATO et al., apud FROSI; MAZO, 2011). A partir do século XVII, houve a apropriação do *Te* pelos guerreiros okinawenses, os *Peichin*, que passaram a realizar vários intercâmbios com marinheiros e militares chineses com quem viriam a aprender as artes marciais daquele país e a desenvolver a arte que chamariam de *Tō-de* (mãos chinesas) segundo o dialeto de Okinawa, e *Karate* em japonês (FUNAKOSHI; YAMASHIRO, apud FROSI, MAZO, 2011).

Como a literatura revela (SHINJYO; SENAHA; ONAGA, 2004; OKINAWA, 2003; FUNAKOSHI, 2000; 1999), a trajetória de mais de sete séculos de desenvolvimento do *Karate-dō* produziu mais de 60 estilos diferentes. No entanto, há quatro estilos mais proeminentes e que, por sua vez, são os mais praticados e populares mundialmente, chamados de *Dai Yon Ryū* (os quatro grandes estilos): *Shōtōkan*, *Wadō-ryū*, *Shitō-ryū* e *Gōjū-ryū* (JAPAN KARATE-DŌ FEDERATION, 2008).

A introdução desta arte em solo brasileiro, possivelmente teve seu início com a chegada de imigrantes japoneses ao país em 1908, que vieram a bordo do navio Kasato

Maru (BARTOLO, 2009, p. 7) que aportou no litoral paulista, na cidade de Santos. Entretanto, o *Karate* no Brasil passou a ser mais difundido após a Segunda Guerra Mundial, em academias de treinamento. De forma particular, podemos citar a iniciativa de professores como Mitsusuke Harada, que instituiu uma das primeiras academias de treinamento na década de 1950 em São Paulo, e Akira Taniguchi, na época Diretor Técnico da Associação de Karate Meibukan, que foi responsável por estabelecer *dojos* (locais de treinamento) em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba (SALMON, 2010).

Akira Taniguchi e o Karate Gōjū-ryū

De nacionalidade japonesa, este mestre chegou ao Brasil após a segunda Guerra Mundial, para trabalhar e ensinar artes marciais (DUARTE, 2009). Antes de iniciar sua trajetória em solo brasileiro, o *sensei* divulgou seus ensinamentos no continente africano, participando da formação de nomes de grande expressividade como Richard Salmon, o qual é conhecido enquanto o principal disseminador das artes marciais no sul da África. Por Akira ser o primeiro mestre do estilo *Gōjū-ryū* de Salmon e por ambos apresentarem afinidades, os dois se tornaram amigos e isto, posteriormente, veio a culminar em uma viagem de Salmon ao Brasil, para participar de alguns meses de treinamento na Academia Meibukan que possuía sedes em São Paulo e Curitiba. O jornal paulista *A Gazeta Esportiva*,⁴ que, por vezes, divulgou o crescimento da modalidade, destacou a importância deste evento em uma reportagem de 1963, a qual enfatizou a presença de reconhecidos nomes do *Karate* sul-africano em curso de aperfeiçoamento em São Paulo. Dentre eles, Desmond Jurgens Botes, 3º *Dan* (grau) e

⁴ “Africanos aperfeiçoam-se em São Paulo: Karatê”. *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, 20 dez. 1963, p. 7.

na época presidente da Associação de Karate da África do Sul, e Richard Salmon. Destaca-se que, nesta época, o *Karate* se desenvolvia intensamente no sudeste brasileiro, aumentando o conceito do *Karate* nacional através da iniciativa dos mestres japoneses.

No ano de 1965, Mestre Akira Taniguchi organizou o Primeiro Torneio de Karate Inter-Estadual no Brasil (SALMON, 2010). Dois anos mais tarde, em reportagem outra reportagem do jornal A Gazeta Esportiva,⁵ foi divulgada viagem do *sensei* à Europa, Estados Unidos, Japão e Índia para estudar a história do *Karate*. Neste período, Akira já tinha seu nome reconhecido internacionalmente, uma vez que suas técnicas já haviam mostrado expressividade em outros territórios. Seu envolvimento com o *Karate* podia ser compreendido por uma postura que ia além do *dojo*. Pois, além de promover torneios e cursos de aperfeiçoamento, buscava o estudo aprofundado da própria técnica, através do entendimento das raízes desta arte e de suas origens históricas (LEDUR, 2012).

Karate Gōjū-ryū no Rio Grande do Sul

A difusão do *Karate* no Estado do Rio Grande do Sul, assim como em São Paulo, também contou com a participação dos imigrantes japoneses. No âmbito local, os mestres pioneiros desta prática foram Luis Watanabe, do estilo *Shōtōkan*, Takeo Suzuki do estilo *Wadō-ryū*, Shunji Hinata do estilo *Shitō-ryū* e Akira Taniguchi, do estilo *Gōjū-ryū* (OLIVERA; FROSI, 2005).

Com a vinda dos precursores do *Karate-dō* para o Estado, o interesse por esta prática foi incorporando novos adeptos. Isto levou o Rio Grande do Sul, neste período, a

⁵ “Karate brasileiro na Índia misteriosa”. *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, 9 dez.1967, p. 8.

ocupar o posto de uma das maiores forças da arte no Brasil, junto com São Paulo e Bahia. Na época do aparecimento do *Karate* no Estado, uma grande ajuda foi dada pela coluna sobre lutas do Jornal do Comércio, redigida pelo professor e jornalista Jorge Aveline (OLIVEIRA; FROSI, 2005).

Esses mestres, nas décadas de 1960 e 1970, vieram ao Estado sul-rio-grandense para ensinar os diferentes estilos *Karate* atendendo a demanda de grandes academias, onde puderam trabalhar de forma mais independente. Cabe destacar que eles foram apoiados pelos representantes da Nihon Karate Kyōkai de São Paulo, que é uma das maiores organizações japonesas de *Karate* e que possuía filiais em outros países, entre eles o Brasil (FROSI, 2010).

O método ensinado por Akira Taniguchi era o *Gōjū-ryū*, sendo *Gō* força e *Jū* flexibilidade. O fundador desta linha foi Chōjun Miyagi, que se inspirou nos conhecimentos adquiridos a partir de Kanryo Higaonna, criador do *Naha-te* que é o estilo predecessor ao *Gōjū-ryū*, oriundo da cidade de Naha, e dos capítulos do importante manuscrito okinawenses *Bubishi* para escolher o nome do estilo. Este antigo manual de preparação guerreira continha, em um de seus trechos, a explicação de como utilizar corretamente a força ou a flexibilidade no combate, elemento que era considerado essencial pelo fundador (NAKAZATO et al., apud FROSI, 2010). Mais tarde, Miyagi introduziu o *Gōjū-ryū* no Japão continental, e um de seus principais alunos, Gogen Yamaguchi, estruturou a *Gōjū-kai* (organização internacional de *Karate Gōjū-ryū*). Mestre Akira, por sua vez, era vinculado a esta entidade.

Akira Taniguchi foi aluno de Sumihiko Funatsu, presidente da Mahato-kai, que representa um dos pioneiros do estilo no Brasil (OLIVEIRA FILHO, 2010). Ele também foi o responsável pela implantação do estilo *Gōjū-ryū* no Estado do Rio Grande

do Sul, mais precisamente na capital (DUARTE, 2009). Ao chegar a Porto Alegre no ano de 1974, realizou uma de suas primeiras apresentações na inauguração da academia Meibukan, que, por sua vez, ficava localizada na Rua Siqueira Campos. Nesse evento o *sensei* fez uma virtuosa demonstração do *Kata Sanchin*, sendo *kata* o exercício formal do *Karate-dō* que é uma representação individual de um combate contra vários oponentes. O conhecimento técnico do mestre Akira, que na época já era 6º *Dan*, fez com que diversos alunos fossem treinar com ele e em sua academia, conforme depoimento de Hélio Riche Bandeira:

[...] em 1974 veio para o Brasil o *sensei* Akira. E neste ano o grupo todo que treinava com o *sensei* Hinata passou a treinar com o *sensei* Akira. Como era uma mega academia, para ela começar já com um grupo de pessoas graduadas, foi levado todo o pessoal da UGAPOCI que era onde nós treinávamos, na União Gaúcha dos Policiais Civis, também na Siqueira Campos para a Meibukan na época. E nessa época eu passei a treinar com o *sensei* Akira (BANDEIRA, 2011).

O *Gōjū-ryū* é um dos mais praticados no Brasil e o terceiro em número de adeptos no Rio Grande do Sul. A maior parte dos praticantes e professores do estilo se concentra em Porto Alegre e na região metropolitana (OLIVEIRA; FROSI, 2005, p. 74). Tal expressão provavelmente se deve ao apoio de *sensei* Akira para com a difusão da prática.

Seus conhecimentos enquanto professor não se limitava as técnicas do *Karate*, mas eram ancoradas numa ampla bagagem de combate adquirida durante a Segunda Guerra Mundial. Tanto que, para um de seus alunos, “Akira Taniguchi foi um dos últimos samurais, um samurai do século XX” (PADILLA, 2011). Sua forma de ensinar artes marciais não se caracterizava por um sistema ortodoxo, buscava o transdisciplinar dentro do *Karate*, em termos atuais seria um MMA (multi martial arts). Mesmo tendo como base o seu estilo, o *Gōjū-ryū*, ensinava em suas aulas elementos de outros estilos

de *Karate*, como os *katas* do *Shotokan*. Baseava-se no método de *Karate* de Okinawa, combinado com outras artes como a da espada, o *Kenjutsu* (SALMON, 2010). Além de sempre buscar conciliar, através de várias artes, o que era eficiente e que dava efetividade aos golpes.

De acordo com Helio Riche Bandeira (2011), Akira ensinava em suas aulas alguns dos *katas* do *Shotokan*, como o *heian yondan* e o *heian godan*, que são respectivamente o quarto e quinto *kata* básico do *shotokan*. “O *sensei* Akira, uma vez me falaram que ele já foi da banca do *shotokan* e tudo, então ele mesclava muito as técnicas de *Shōtokan* com *Gōjū-ryū*. [...] Então, era um sistema bem diferente do que hoje é o *Gōjū-ryū* [...]” (BANDEIRA, 2011). Um dos exemplos que confirma essa mescla de características de várias linhagens utilizadas pelo mestre, foi a criação de um *kata* próprio, que tinha o nome de *Dippo*. Este *kata* se utilizava elementos de outros estilos como o *Wadō-ryū* e o *Shotōkan*.

Rememorando as aulas de Karate

Em meados dos anos 1970, na academia Meibukan, a frequência de suas aulas era de três vezes por semana, e como tinha dificuldade com a língua portuguesa, outro professor, o *sensei* Shunji Hinata, o acompanhava e ficava, muitas vezes, de tradutor durante as aulas, o que facilitava a transmissão dos conhecimentos. Este mesmo professor era quem assumia as turmas quando Akira estava ausente. Nesta academia, Akira permaneceu por aproximadamente um ano (BANDEIRA, PADILLA, 2011).

Em relação à frequência das aulas, Bandeira e Padilla (2011) acreditam que *sensei* Akira não permanecia por longos períodos em Porto alegre devido ao seu envolvimento com sua atividade comercial no ramo de importação e exportação de

ervas e chás, com sede em São Paulo. Por conta disso, “[...] ele viajava bastante, então ele não tinha uma residência fixa. Ele dava aula na semana, viajava, voltava na semana, dava aula [...]” (BANDEIRA, 2011). Segundo Padilla (2011):

“Ele passou por uma série de cidades. Ele foi descendo no Brasil, da Bahia até aqui, e ele ficou mais tempo em São Paulo até por questões pessoais, de negócios, pois ele se estabeleceu lá como comerciante, casou. Então, ele ficava mais tempo lá, mas ele constantemente estava aqui no Rio Grande do Sul e se estabeleceu. E foi no Rio Grande do Sul, onde ele deixou uma linha de discípulos mais estruturada, porque em São Paulo, talvez por ele ter essa atividade comercial, ele era muito mais um comerciante do que propriamente um professor de *Karate*”.

Na cidade de Porto Alegre, Akira Taniguchi lecionou na academia Kidokan, localizada na Rua Duque de Caxias e na Associação Cristã de Moços (ACM,) na Rua Washigton Luis, ambas situadas na região do centro de Porto Alegre. A Kidokan era um espaço reconhecido na cidade pelo ensino de lutas. Já a ACM, fundada em 1901 na capital do Estado, desde a primeira década de existência promovia o ensino de lutas com a denominação de “esportes de ataque e defesa” (MAZO et al., 2012).

O método usado por Akira, segundo relatos, embasava-se em princípios tidos como referências da cultura oriental, cujos indícios eram percebidos, na época, dentro do *dojo* da seguinte forma: se o aluno recebesse uma repreensão do professor, um tapa, um soco, um chute, ou alguma coisa do gênero, era um sinal de honra para o aluno, porque o professor estava perdendo tempo com ele. O professor achava que aquele estudante “valia a pena”. E o *sensei* Akira Taniguchi tinha um comportamento marcante neste aspecto, o qual ele assumia em suas aulas. Eram aulas rigorosas:

[...] eu me lembro quando ele falava *yamê* (*parar*) e às vezes esquecia de dizer *yassumê* (*descansar*), e se alguém se mexesse, nossa! A gente ficava estátua e às vezes ele começava a falar e nós tínhamos que ficar firmes. Então, era assim, dentro de regulamentos, dentro de posturas[...]. Mas, ao mesmo tempo, ele, às vezes, descontraía um pouco e o pessoal, às vezes, fazia algumas certas brincadeiras com ele (BANDEIRA, 2011).

Akira Taniguchi também tinha uma forma exigente enquanto professor, com relação à técnica, permanecendo, muitas vezes, para além do horário das aulas ensinando e repetindo com seus alunos os fundamentos ou aprimorando um *kata*. Exemplificando esse comportamento, Bandeira (2011) relata que “[...] até me lembro, teve duas aulas que o *sensei* Akira mandou todo mundo embora da academia e ficou comigo treinando e ensinando *kata*”.

Certas condutas, principalmente no que diz respeito à relação professor-aluno, são compreendidas de forma mais aprofundada entre os praticantes das artes marciais orientais, como o respeito à hierarquia, o cumprimento de normas, a disciplina e a busca pelo crescimento como indivíduo. Tais questões pertencem aos moldes da educação japonesa (BENEDICT, 2009) que, por sua vez, também se faziam presentes nos ensinamentos do *sensei* Akira. Porém, há nuances dessa visão que podem ser percebidas dentro do senso comum, principalmente quanto ao fato dos japoneses serem rigorosos na sua forma de educar.

Ele era no estilo japonês [...], os japoneses são muitos parecidos, eles tem um estilo de ensinar, muito duro. O japonês daquela época era totalmente incompatível com hoje, com a sistemática de hoje [...] A arte marcial quando surge, ela era uma coisa de vida ou morte. Então, você só ensinava para o seu discípulo direto, para o seu filho. Então, aquela coisa de tratar mal o discípulo, o aluno, era uma forma de ele se certificar que aquele aluno não iria traí-lo, que aquele aluno tinha um respeito, uma credibilidade. Havia um pouco disso nele também, mas ele, ao mesmo tempo, era uma pessoa que sabia ser gentil [...](PADILLA, 2011).

A forma de Akira ensinar e de relacionar-se com seus alunos podem ser vistas, portanto, a partir destas perspectivas: do incentivo ao aperfeiçoamento e conhecimento de técnicas tanto tradicionais do *Karate* quanto de outras artes marciais e de um comportamento que incitava o respeito e o esforço.

Incentivos para além das terras brasileiras

O reconhecimento de seu trabalho teve repercussão até mesmo em revistas nacionais, como a revista Kung Fu⁶, que no final da década de 1980 registrou sua história de vida. Neste período, Akira retornou ao Japão, mas sem desvincular-se do *Karate* brasileiro. No sentido de aprimorar o *Karate-dō* brasileiro, Akira Taniguchi promoveu diversos intercâmbios culturais e esportivos entre o Brasil e o Japão, através de competições e treinamentos por ele incentivados.

Mesmo estando em outro continente, Akira sempre manteve contato com seus discípulos. Um dos principais motivos destes contatos seria a falta de uma organização que apoiasse os praticantes de *Karate* no Rio Grande do Sul. Na época em que *sensei* Akira permaneceu no Rio Grande do Sul, não havia uma federação que representasse os estilos de *Karate* (BANDEIRA, 2011). O que havia nesta época era um departamento criado dentro da Federação Gaúcha de Pugilismo (FRGP), fundada em 1970. Com o passar dos anos e com o crescimento do esporte, foi havendo certa padronização dos estilos. Com o intuito de dirigir, organizar campeonatos e promover o *Karate* no Estado foi organizada uma entidade própria para o esporte: a Federação Gaúcha de Karatê⁷ (FGK), fundada em 26 de dezembro de 1988, na cidade de Porto Alegre.

Na assembleia geral, que, por votação unânime, decidiu fundar a Federação Gaúcha de Karatê na capital sul-rio-grandense reuniram-se Euclides de Araújo, representante da ACM, Ademar Pires Brandolff, representante da Associação de Karatê Brandolff (ASKAB) e Cilon Trindade Goulart da Associação Cultural de Artes Marciais

⁶ Era um periódico especializado em artes marciais que foi editado entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil. Para maiores informações sobre o Kung Fu ler Frosi, Maidana e Mazo (2011).

⁷ Atualmente ela é a única entidade oficial de administração do esporte *Karate* no Rio Grande do Sul filiada à Confederação Brasileira de Karate (OLIVEIRA; FROSI, 2005).

Clássicas. Também estavam presentes Nelson D'Ávila Guimarães, Fernando Antonio Freitas Malheiros Filho, José Eduardo Fauque de Mattei e Arthur Xavier de Oliveira Filho. Percebe-se que os nomes e sobrenomes dos pioneiros na FGK tinham certa ligação com Akira.

Segundo Padilla (2011), *sensei* Akira ao final da década de 1980, quando retornou para o Japão, comentou da necessidade do *Gōjū-ryū* ter um mestre que fosse referência para os praticantes do Brasil se vincular e a partir daí buscar por uma organização própria para o estilo. Então, quando Akira foi embora, ele sugeriu que o *Gōjū-ryū* do Brasil se ligasse ao *sensei* Akamine, um dos primeiros mestres que se estabeleceu no país. Porém, Akamine faleceu logo em seguida. Com isso, a possibilidade de organizar o estilo e estabelecer vínculo com a *Gōjū-kai* ficou ao encargo do *sensei* Oshiro, mas sem sucesso devido a problemas administrativos. Como estas primeiras tentativas não obtiveram os resultados esperados, surgiu à possibilidade deste vínculo ser estabelecido diretamente com o Japão, pois o estilo tinha que ter alguém como mestre representante do *Gōjū-ryū* e na época não tinha ninguém no Estado com graduação suficiente para isto.

Para o estabelecimento deste contato, *sensei* Akira promoveu intercâmbios culturais e esportivos entre Brasil e Japão. Foi o início das viagens ao continente asiático, nas quais vieram as primeiras vitórias do *Karate* sul-rio-grandense. Em 1990, Akira organizou a primeira viagem ao Japão, na qual Julio Cunha e Marcelo Krause puderam aperfeiçoar seus conhecimentos. Já em 1992, o atleta Julio Cunha obteve uma medalha de bronze na Copa *Gōjū-kai*, sendo o primeiro ocidental a ganhar uma premiação neste evento. Após quatro anos, em 1996, o atleta Handel Dias foi campeão na mesma competição, sendo o primeiro ocidental a vencer a Copa *Gōjū-kai*, realizada

na cidade de Sasebo, Província de Nagasaki. Segundo reportagem do jornal Zero Hora⁸, Akira atuou como uma espécie de padrinho, ajudando no custeio das passagens aéreas, bem como na providência de estadia para a delegação brasileira. Handel era aluno da ACM, clube cofundador da FGK. A ACM é um dos *dojos* mais tradicionais do Rio Grande do Sul e tinha como *sensei* Arthur Xavier Oliveira Filho, (6º *Dan*), discípulo de Akira Taniguchi.

Durante confraternização realizada no período de permanência dos atletas brasileiros na Copa *Gōjū-kai*, foi delineada uma "árvore genealógica" pelos mestres da *Japan Karate-dō Federation* (JKF) Goju-kai K. Kimura e Y. Ishikawa, juntamente com Akira Taniguchi e seus alunos brasileiros. Este diagrama histórico trazia a linhagem vinda desde Chojun Miyagi (fundador do *Gōjū-ryū*) até *sensei* Arthur, em Porto Alegre. Tornando evidente a aproximação do *Karate* sul-rio-grandense com suas origens.

Desde 1974, realiza-se anualmente no Japão a *Gojū-kai All Japan Karate-dō Championship* (JKF), o campeonato nacional de *Karate Gojū-ryu*, aberto a selecionados de países estrangeiros filiados ou convidados pela JKF Gojū-kai. Handel Dias competiu pela primeira vez em 1995, então com 21 anos de idade e no ano seguinte 1996, em Sasebo, de onde Handel voltou como capitão da equipe brasileira. Em 22 anos de competição, Handel Dias foi o primeiro estrangeiro a sagrar-se campeão do evento.

Pela conquista, Handel recebeu um certificado e dois troféus: um definitivo, que trouxe para o Brasil, e outro temporário, que fica com o campeão até o próximo ano, quando a competição é disputada novamente, e que, por sua vez, recebe o registro em uma fita com o nome do vencedor. Handel Dias e o *sensei* Akira Taniguchi deram este troféu ao *sensei* Ishikawa, pois Handel tinha treinado com Ishikawa em um estágio no

⁸ Catia Bandeira. "Gaúcho quebra domínio oriental". *Zero Hora*, Porto Alegre, 2 de ago. 1996. Esportes, p. 60.

Japão, em agradecimento pelos ensinamentos e a ajuda aos atletas brasileiros. O troféu foi posteriormente entregue à JKF *Goju-kai* e segue sendo disputado ano a ano pelos atletas do *Karate Gojū-ryū*. No entanto, em uma das fitas do troféu, permanece até hoje gravado o nome de Handel Dias como um de seus conquistadores, ou seja, uma prova real de sua vitória no país que é o berço desta arte marcial. Pela conquista, Handel Dias deu entrevistas para jornais, revistas e redes de televisão japonesa e brasileira (OLIVEIRA FILHO, 2012).

A importância de seu trabalho como mestre e pelo engajamento em prol do esporte levaram Akira a ser reconhecido e homenageado com o recebimento da medalha “João Saldanha”, a qual foi ofertada pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul no ano de 1999, após indicação do Conselho Regional de Desportos (CRD), pela atuação como treinador de notável mérito (DUARTE, 2009). Esta data ficou marcada como a sua última visita a Porto Alegre, entretanto, mesmo estando em outro continente, o *sensei* sempre procurou manter contato com seus discípulos.⁹

Em uma de suas cartas ele pediu por notícias, agradeceu pela medalha João Saldanha e pela indicação ao prêmio. Taniguchi faleceu em 12 de fevereiro de 2009, na cidade de Takamatsu, conforme informado por sua esposa, a senhora Ana Taniguchi (SALMON, 2010). No mesmo ano, em novembro, conforme o Diário Oficial de Porto Alegre¹⁰ foi concedido pela Câmara Municipal de Porto Alegre *in memoriam* o diploma de Honra ao Mérito pelos seus esforços como treinador.

⁹ Da mesma forma que alguns de seus discípulos também mantiveram contato entre si, como é o caso do professor Luiz Roberto Nunes Padilla com Hanshi Richards (Richard Salmon), outro aluno do *sensei* Akira. Hanshi Richards é responsável pelo boletim informativo do *Gojū* na África do Sul, onde divulgou o estudo de Ledur (2012).

¹⁰ PORTO ALEGRE. Resolução n.º 2159 de 25 nov. de 2009. *Diário oficial de Porto Alegre*, Porto Alegre 3 dez. de 2009. Edição n.º 3657.

A relação de Akira com a capital do Rio Grande do Sul permitiu a realização de um trabalho notável ao longo de vários anos. O *Gojū-ryū* sul-rio-grandense foi erguido sobre bases sólidas, pois Akira, seu difusor, enquanto teve condições de saúde procurou ensinar o *Karate*.

Embora nos últimos anos que ele estava muito abatido, abalado, ele sempre era um entusiasta do *Karate*, mas nos últimos anos de vida ele realmente deve ter tido algum tipo de acidente, não sei exatamente o que. Ele tinha um problema no joelho, possivelmente da guerra, devido a algum ferimento, alguma coisa e assim ele começava a mancar. Nos últimos tempos ele já andava de bengala. [...] e como não podia se mexer, começou a engordar, começou a ter sobrecarga de peso o que foi acabando com a saúde (PADILLA, 2011).

Os problemas de saúde, possivelmente motivaram o afastamento do *sensei* do Rio Grande do Sul e o retorno a sua terra natal. Porém, os ex-alunos de Akira perpetuaram o *Karate* na capital, a saber: Hélio Riche Bandeira, professor de *Karate-dō* do Colégio Militar de Porto Alegre; Luiz Roberto Nunes Padilla, professor do curso de Bacharelado em Direito da UFRGS; e Arthur Xavier de Oliveira Filho, professor de *Karate-dō* da ACM e um dos mais antigos alunos do *sensei*. Deste modo, podemos afirmar que atualmente a linhagem do *Gojū-ryū* é uma dos pilares do *Karate-dō* no Rio Grande do Sul.

Considerações finais

A partir dos indícios que colhemos em livros, documentos, e entrevistas realizadas com professores que treinaram com o mestre Akira, pudemos dimensionar a importância deste mestre para o desenvolvimento do *Karate*. A escassez de fontes em alguns períodos do recorte temporal não permitiu que alguns fatos fossem analisados com mais profundidade. É bem provável que muitas informações acerca da organização do *Gōjū-ryū* e do próprio Akira possam ainda ser buscadas por meio de novos

depoimentos e, talvez documentos existentes no Japão. Contudo, por outro lado, deve-se salientar a importância da história oral neste estudo, uma vez que permitiu que fossem compreendidas outras esferas do universo do *Karate*: procedimentos didático-pedagógicos de ensino, a relação professor aluno e o desenvolvimento deste esporte.

A década de 1970 marca a chegada de Akira e de outros mestres de *Karate* ao Rio Grande do Sul. Neste período, o *Karate* era uma prática pouco difundida, pois a arte recém-chegada ao país após a Segunda Guerra Mundial estava iniciando sua expansão com a criação de academias de treinamento fundadas por *senseis* de diferentes estilos. Dentre estes, Akira Taniguchi foi o responsável pelo estabelecimento de *dojos* do estilo *Gōjū-ryū* em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (SALMON, 2010). A vinda de mestres de diferentes estilos de *Karate-dō* para a capital sul-rio-grandense estava vinculada ao atendimento da demanda de grandes academias, como a extinta Kidokan, a Ugapoci e a ACM, as quais foram locais onde o *sensei* Akira construiu seu respeito enquanto mestre.

Seu interesse para com o estabelecimento do *Gōjū-ryū* também é exemplificado por suas viagens entre Porto Alegre e os outros estados, o que demandava maior esforço para concretização de suas aulas. Suas técnicas de ensino buscavam a efetividade dos golpes, valendo-se muitas vezes de elementos empregados por outros estilos. Destaca-se que dessa sua característica, de se utilizar de elementos de outros estilos, originou-se o *kata Dippo*, que se tornou uma de suas marcas e até hoje é reconhecido como um exercício essencial pelos praticantes do *Gōjū-ryū*.

Reportagens, viagens e aperfeiçoamentos foram constantes durante o período que ensinou *Karate* em nosso país. Além disso, o *sensei*, mesmo com idade avançada e após retornar ao Japão no final da década de 1980, não abandonou seus discípulos nem

sua dedicação ao esporte. Promoveu intercâmbios entre Brasil e Japão contribuindo para conquistas de caráter internacional do *Karate* sul-rio-grandense. O trabalho do mestre Akira atualmente continua a desenvolver-se na figura de outros grandes mestres como Hélio Riche Bandeira, Luiz Roberto Nunes Padilla e Arthur Xavier de Oliveira Filho.

Ao analisarmos a trajetória do mestre Akira Taniguchi em Porto Alegre, percebemos a relevância de retomarmos a história dos esportes, principalmente no que concerne a difusão destes no estado do Rio Grande do Sul. A exemplo do *Karate*, que se desenvolveu a partir da influência de culturas orientais, há outras práticas oriundas de distintas culturas que merecem nossa atenção. Do mesmo modo, trajetórias de esportistas, mestres, instrutores e tantos outros homens e mulheres, que difundiram as lutas no Estado e no Brasil necessitam ser reconstruídas e preservadas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AVELAR, A. S. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões, 2010. *Dimensões*, vol. 24, 2010. p. 157-172. ISSN: 1517-2120. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024>>. Acesso em: 21 jan. 2012.

BACELLAR, C. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 23-80.

BANDEIRA, H. R. *Hélio Riche Bandeira*: depoimento 18 ago. 2011. Entrevistador: Josiana Ayala Ledur. Porto Alegre, 2011. Entrevista concedida ao Projeto Esporte e Educação Física no Rio Grande do Sul: estudos históricos.

_____. *Percepções de alunos de karate sobre agressividade/violência*: aplicações educacionais no ensino de artes marciais. 2006. 82f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARTOLO, P. *Karate-Do: história geral e do Brasil*. Santos: Realejo Edições, 2009.

BENEDICT, R. *O Crisântemo e a Espada: padrões da cultura japonesa*. Coleção Debates – Antropologia. São Paulo: Perspectiva, 2009

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 295-316.

DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. *Topói*, v.10, n.19, p. 7-16, jun/dez 2009.

DUARTE, T. *Processo n.º 1856/09: Projeto de Resolução que concede ao Mestre Akira Taniguchi Shihan o Diploma de Honra ao Mérito*. Porto Alegre: Câmara de Vereadores de Porto Alegre, 2009.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988, p. 17-34.

FROSI, T. O. *Karate-Do no Rio Grande do Sul, de arte marcial a prática esportiva*. Porto Alegre: 2010. [Relatório de pesquisa para a Federação Gaúcha de Karate].

FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Repensando a história do Karate contada no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo: v. 25, n.2, abr./jun. 2011. p. 297-312.

FROSI, T. O.; MAIDANA, W.; MAZO, J. Z. Os primórdios da prática do Wu-Shu/Kung Fu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (décadas de 1970-1990). *Revista da Educação Física/UEM*, v. 22, 2011. p. 387-397.

FUNAKOSHI, G. *Karate-Dō: meu modo de vida*. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. *Karate-Do Nyūmon: Texto Introdutório do Mestre*. São Paulo: Cultrix, 1999.

JAPAN KARATE-DŌ FEDERATION. *Karate-Dō Kata Kyōhan Shitei Kata: Kata Model for Teaching*. Tóquio: Japan Karate-Dō Federation, 2008.

LEDUR, J. A. *Karatê no Rio Grande do Sul: as contribuições de Akira Tanaguchi* Monografia (Graduação em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MAZO, J. Z. et al. *Associações esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias*. Novo Hamburgo: Feevale, 2012.

OKINAWA. A Prefeitura. *Wonder Okinawa*. Disponível em: <www.wonder-okinawa.jp/>. Acesso em: 09 mai. 2011.

OLIVEIRA FILHO, A. X. *Akira Taniguchi e linhagem*. Karate Goju-ryu Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://karategojuriograndedosul.blogspot.com.br/p/akira-taniguchi-e-linhagem.html>>. Acesso em: 7 fev. 2012. [Blog].

OLIVEIRA, G. B.; FROSI, T. O. Karate no Rio Grande do Sul. In: MAZO, J.; REPPOLD FILHO, A. *Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CREF2\RS, 2005, p. 73-74.

PADILLA, L. R. N. *Luiz Roberto Nunes Padilla*: depoimento 27 out. 2011. Entrevistador: Josiana Ayala Ledur. Porto Alegre, 2011. Entrevista concedida ao Projeto Esporte e Educação Física no Rio Grande do Sul: estudos históricos.

SALMON, R. *Master Akira Taniguchi & A History of Karate in Brazil*, 2010. Disponível em: <www.budoryu-international.com>. Acesso em: 15 set. 2011.

SASAKI, Y. *Karatê-Dô*. São Paulo: CEPEUSP, 1995.

SHINJYO, K.; SENAHA, S.; ONAGA, Y. *Three Major Schools of Okinawa Karate*. Lake Forest: YOE Incorporated, 2004.